

Editorial

LIÇÕES DA TRAGÉDIA

A morte prematura e em circunstâncias trágicas do candidato do PSB à Presidência da República, Eduardo Campos, serve para mostrar a todos que realmente a vida foi feita para ser vivida e aproveitada em toda a sua plenitude, mas com senso de justiça, solidariedade e respeito ao próximo, para que possamos deixar algum legado e uma boa lembrança para as gerações futuras.

O falecimento repentino de Eduardo Campos causou consternação geral, particularmente na classe política, fazendo com que muitos se lembrassem de situações de um passado de grandes tragédias envolvendo homens públicos, como o doloroso processo de agonia e morte de Tancredo e o desaparecimento do deputado Ulysses Guimarães, dois dos principais protagonistas da luta contra o arbítrio.

A classe política, em especial, precisa tirar algum ensinamento disso, pois é certo que a campanha eleitoral, queiramos ou não, ganha novo ritmo, sendo muito provável que aqueles que permaneciam indecisos – e não eram poucos – tendam a fazer opção na hora de votar. Sob o impacto da surpresa, Marina parece ser a maior beneficiária deste momento, o que a pesquisa Datafolha divulgada ontem está a indicar.

É de se esperar que, em meio a esse cenário nebuloso, os principais candidatos ao Planalto, assim como tiveram a sensibilidade de suspender suas campanhas em sinal de luto, retomem seus discursos sem picuinhas e ataques que nada constroem, servindo apenas para ofuscar as campanhas e afastar, principalmente, os mais jovens das urnas.

O que se espera dos políticos é que saibam trabalhar de forma equilibrada e transparente em favor do bem comum visando à construção de uma agenda capaz de promover a retomada do crescimento econômico do país, que vem perdendo terreno nos principais rankings, sendo ainda em várias ocasiões motivo de chacota e preocupação por causa da corrupção que inibe investimentos e suga recursos indispensáveis a milhões de brasileiros.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Sem sossego entre formigas, muriçocas, camaleões e pipiras

Agruras da vida simples de quem decide morar na zona rural

Respondendo aos muitos e-mails de quem me lê em Minas, que carinhosamente pedem notícias minhas no Maranhão, digo-lhes: estou num entrevero inimaginável com formigas, muriçocas, camaleões; e apenas as pipiras são uma doçura. Estão rindo? É sério! São agruras da vida simples de quem decide morar na zona rural da ilha de São Luís... Nada do idílico tempo de adolescência no povoado Paranã, na Estrada de Ribamar...

Como se não bastasse a falta de sossego que é uma campanha política no Maranhão contra o clã sem destino: os Sarneys, que a cada segundo fustigam com uma nova trama, sem eira e sem beira, a ser desmentida, morta e enterada, tarefas difíceis, porque em meio século eles “pintaram e bordaram” como exemplares camaleões da política – camaleões são personagens de muitas fábulas, nas quais são apresentados como astutos e pouco confiáveis!

Aqui, em minha área, como se fala no Maranhão para dizer o “meu lugar de morada”, estou pensando que a minha casinha foi erguida sobre formigueiros, tamanha a diversidade de formigas: das pequenitas, quase invisíveis, que vovó chamava “formiga de açúcar”, das pretinhas, das vermelhinhas, chamadas de “formigas de fogo”, e até saúvas! O que fazer para uma convivência pacífica e sem venenos com a correição? Estou quase entendendo padre Antônio Vieira: “Porque as formigas se fazem elefantes, não basta toda a terra para um formigueiro” (“Sermão da Terceira Domingo do Advento”).

Alguém conhece um meio ecológico, além das telas nas janelas e portas, de

enfrentar muriçocas – “carapanãs” no Pará e “pernilongos” em muitos lugares? Estou precisando!

O forro de minha casa é abrigo de uma patota de camaleões! Segundo um moço que retelhou a casa, serviço que já tive de fazer duas vezes em menos de um ano, ele contou seis bichos adultos lá! O camaleão (do grego “chamai”, que significa “na terra, no chão” + “leon”, que significa “leão”) é um lagarto, mas não é iguana...

Tratados científicos dizem que “todos os camaleões são animais diurnos; a

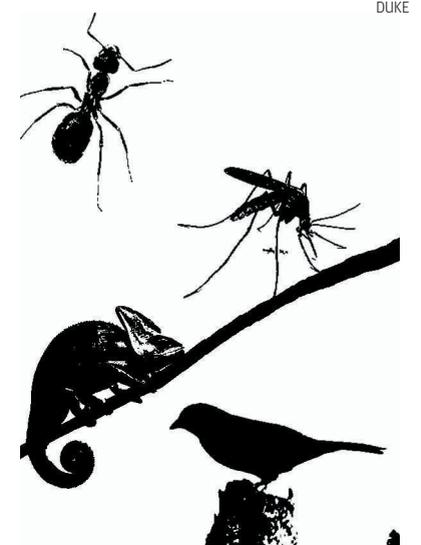
O camaleão é um animal sagrado para algumas tribos africanas, pois é tido como o criador dos primeiros seres humanos

maior parte de suas vidas é solitária, e o hábito solitário só é abandonado na época de acasalamento, quando o macho desce das árvores à procura de fêmeas”. Os meus camaleões vivem em bando, diferentemente do que diz a ciência. Saem do forro quando o sol está a pino, vão comer num matagal próximo e retornam logo! E à noite fazem a festa, numa correria barulhenta que incomoda e dá até medo...

Como afugentá-los ecologicamente? Alguém do Ibama, que os protege, tem uma dica de como não ser obrigada a compartilhar moradia com camaleões? Além do mais, em deferência à minha ancestralidade, o camaleão é um animal sagrado para algumas tribos africanas, pois

é tido como o criador dos primeiros seres humanos! Tanto que “nunca é morto, e, quando é encontrado no caminho, tiram-no com precaução, com medo de maldições”. Já na região amazônica, avistar um camaleão é um sinal de bons fluidos, pois é tido como um indicador de boa sorte, e matá-los traz mau agouro! Sendo assim, estou tentando uma convivência harmônica com eles! Garanto que, se não perturbassem a minha sesta e o meu sono noturno, eu os acharia belos!

Sobre as pipiras (*Tachyphonus surinamus*), aguardem! Fiquem com os versos de João do Vale, em sua música “Pipira”: “Mané, tem um viveiro/ Tem passarinho de toda qualidade/ Zabelê, canário, corrupção/ Pipira, sábia tem azulão// Rosinha, tava brincando/ Pipira, lhe beliscou/ O dedo inchava, ela chorava/ Ai ai, ai dor... Fica o povo comentando/ Mais um que a pipira beliscou/ E tu também tá engordando”...



DUKE